

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Premiação das loterias

Edivan Batista Carvalho
edivanbatista@yahoo.com.br

Mesmo sem gostar de jogos de azar, propomos nova distribuição de prêmios das loterias.

O prêmio da Mega-Sena corresponde a 43,79% da arrecadação. Daí, 40% são distribuídos entre os acertadores dos 6 números (Sena); 13% acertadores da quina; 15% acertadores da quadra; 22% acumulados; e 10% para Mega-Sena da Virada.

Essa premiação poderia contribuir para melhorar a renda no Brasil se ampliar a quantidade de beneficiários, de forma proporcional aos números acertados.

Sugerimos que o percentual de 68% passe a ser distribuído da seguinte forma: 50% entre os acertadores da sena; 19% entre os que acertam a quina; 14% para os que acertam a quadra; 8% entre os acertadores de 3 números; 6% entre os que acertam 2 números; e 3% para quem acertar 1 número.

A mesma lógica deveria ser aplicada a todas as modalidades de loterias geridas pela Caixa Econômica Federal, com os

ajustes necessários a cada especificidade.

Dessa forma, será mais democrático e aumentará o número de apostadores diante da perspectiva de ganhar algum valor, mesmo acertando apenas uma dezena no sorteio.

No formato atual, na última Mega-Sena da Virada, cada um dos 6 acertadores na sena receberam R\$ 181.892.881,09; os 3.921 na quina R\$ 11.931,42 e os 308.315 na quadra R\$ 216,76.

Com a proposta, o valor destinado a cada um desses grupos de ganhadores, respectivamente, seria R\$ 100.414.228,65; R\$ 58.389,30 e R\$ 547,15, ou seja, apenas o grupo daqueles que acertaram os seis números ganhariam um valor menor, porém ainda muito representativo, enquanto os outros dois grupos teriam um ganho acentuado.

Na hipótese de 800.000 acertassem 3 números, cada um receberia R\$ 120,50; se 1.500.000 pessoas cravassem apenas 2 dezenas, cada um ganharia R\$ 48,20; e se 3 milhões de apostadores só conseguisse acertar 1 número, cada um deles receberia R\$ 12,05. Ou seja, esses pequenos valores ajudariam bastante.

Por que amamos o que não é amável?

Ana Cristina Cunha da Silva
cris0708@gmail.com

Ah, o amor...Ele pode ser motivado por desejos básicos, fantasias e filosofias de vida...O amor pode ser eterno, mas na realidade humana é difícil alcançar um amor pleno e verdadeiro.

Não se pode explicar por que amamos algo ou alguém que não é amável. Mas podemos ponderar sobre a existência do amor, esse sentimento complexo e multifacetado e cheio de mistérios e surpresas.

Na biologia evolutiva, o amor existe porque favorece a sobrevivência da espécie. A atração entre indivíduos fortalece laços, garante cuidado mútuo e aumenta a chance de que os filhos sobrevivam e se desenvolvam.

Na psicanálise, o amor é um deslocamento de desejos inconscientes, uma tentativa de reparar faltas primordiais. Amamos no outro o que nos falta, o que nos completa ou até o que desejamos reencontrar de nossa infância. Freud dizia que amar é colocar o outro como ideal do eu. Lacan, por sua vez,

via o amor como um “dar o que não se tem a alguém que não o quer”. Eu já digo que amar é “dar tudo o que não se tem para quem não quer receber”.

Na filosofia, o amor é muitas vezes visto como busca do infinito no finito. Platão, no livro *O Banquete*, fala do amor como desejo do belo e do eterno — um impulso ascensional, que começa no corpo e termina na contemplação da verdade. Já para Nietzsche, aquele que fala que o amor não é uma relação carnal registrada, mas sim uma força criadora que transcende as relações sociais, mas também trágica: amamos porque somos frágeis, e o amor é uma forma de dar sentido ao absurdo da existência.

Na experiência cotidiana, o amor talvez exista porque a vida sem ele parece insuportável e sem sentido. É a experiência que nos lança no risco, no abismo do medo, que abre espaços dentro da vida comum, que apaga um pouco a sensação de temporalidade que nos madruga e nos tira o sono. É quando algo faz sentido, mesmo para aqueles que não o procuram, mesmo que seja considerado fútil e sem graça.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A invenção do amor

Amauri Holanda de Souza

Professor efetivo da Prefeitura da Municipal de Fortaleza, sociólogo e teólogo

Quem teria inventado o amor?

Teria sido uma mulher de sabedoria transbordante, íntima do encanto e da espiritualidade, que aprendeu a edificar-se sem jamais se conter?

Ou teria sido uma invenção da própria divindade — deliberadamente inacabada — para que a paixão permanecesse acesa, sem nunca se satisfazer plenamente, mesmo na presença do outro?

Quem inventou o amor?

Um sábio inquieto, talvez irônico, que lançou sobre o humano a experiência do afeto para mantê-lo sempre à beira do risco, da insegurança e do desejo que vigia a si mesmo e ao outro?

Quem inventou o amor?

Um curioso incapaz de medir a ousadia da travessia de si no território afetivo alheio, onde os detalhes se ampliam pelo discernimento e tornam decisivo aquilo que, à primeira vista, parecia irrelevante?

Quem inventou o amor?

Alguém que ignorava a fragilidade dos encontros ou que, conhecendo-a profundamente, a assumiu como condição inevitável do ser — quase sacramental?

Quem sabe o amor não tenha sido propriamente inventado em suas razões controversas. Talvez tenha apenas irrompido como uma possibilidade suspensa entre o medo de perder e a coragem de permanecer e, nesse intervalo incerto, tenha encontrado sua forma de existir.

E se ninguém o inventou tal como o concebemos em seus pormenores, talvez caiba a cada encontro reinventá-lo em intensidade e profundidade: não como algo qualquer, mas como uma graça exagerada que insiste, dia após dia, em tocar o corpo com responsabilidade e em conquistar a alma por meio de uma afetividade permanentemente consciente.

E, por fim, como uma verdade em que se acredita —, a tudo isso se chame amor: algo que dispensa acréscimos de ousadia, porque já é, por si só, grandioso; uma essência em constante travessia dentro de si mesma, simplesmente fazendo acontecer.

CARLUS CAMPOS



Tá na hora

Paulo Roberto Cândido

Ex-Correspondente mestre **O POVO**

Quando o cabelo começa enrolar
tá na hora de cortar
taco uma tesoura
passo o pente
fico com cara de gente
Quando a barba começa espetar
tá na hora de raspar
taco uma Gilete
passo o creme
com a mão que não treme
Quando a barriga começa a crescer
tá na hora de correr
taco um tênis
passo agora

a preguiça pra fora
Quando a pele começa ceder
tá na hora de prover
taco botox
passo o pozinho
deixo essa cara de velhinho
Quando o respirar começa a parar
tá na hora de voltar
taco uma mortalha
passo pro amigo
o local do jazigo
Quando a rima começa faltar
tá na hora de cessar
taco um final
passo a régua
sou um poeta paidégua.

Tortinha de limão

Rachel Macedo

Professora

É gostosinho pensar em você,
ver algo novo
e querer compartilhar.
Músicas, fofocas,
podcasts, docinhos.
É um sentimento bom.
Não é errado desejar o bem,
ser carinhosa, atenciosa.
A vida está me ensinando,
e sou uma aluna dedicada.

Não é simples.
Daí, tudo vira insegurança,
medo de estar sendo inconveniente.
Pensar em você tem gosto de torta de limão:
doce, suave, não enjoa.
Sentimentos bons,
com sensação de abraço.
Que a vida seja feita de abraços
e tortinhas de limão,
meu doce favorito.

Criatividade como instinto

Kaio Forte

Ex-Correspondente **O POVO**

Algo me emociona profundamente em ver bonequinhos de madeira e barro que nós, humanos de diversos povos e culturas ao redor do mundo, criamos a dezenas de séculos atrás. Em um período onde sobrevivência era algo tão crucial, o que levava alguém a usar dos poucos materiais que encontrava na natureza para fazer “coisinhas” sem nenhum uso prático? Simplesmente porque podiam, achavam bonitinho, queriam presentear alguém ou até decorar o local onde viviam?

Sinto isso porque acredito que estudar e refletir sobre os comportamentos dos primeiros humanos que habitaram esse planeta nos permite enxergar uma forma mais bruta dos nossos impulsos, da nossa natureza livre de todo um complexo de expectativas culturais moldadas ao longo da História. Sob essa lente, o que essas pequenas criações dizem sobre nós?

Nos dias de hoje, sob uma lógica de produtividade constante, somos levados a questionar a praticidade e valor monetário de tudo que fazemos e a que dedicamos nosso tempo e esforço. “Tempo é dinheiro”, escutamos desde a infância (e concordamos ao envelhecer). Em um período onde sobrevivência é algo tão crucial, o que nos leva a usar do pouco tempo e energia que temos para fazer “coisinhas” sem nenhum uso prático? Simplesmente porque podemos, achamos bonitinho, queremos presentear alguém ou só expressar nossas ideias e emoções através de um texto ou desenho?

Não existe nada mais profundamente humano do que criar pelo simples e sublime amor. A criatividade é o processo pelo qual a alma humana se torna concreta, física e visível. É parte intrínseca do que nos torna humanos, especialmente através das criações de nossos antepassados que isso se torna tão claro: sempre fomos os mesmos e sempre continuaremos os mesmos. Não existe novo mundo ou tecnologia que seja capaz de nos alienar do prazer de criar, sem que nos aliene também da nossa humanidade.



algo que dispensa
acréscimos de
ousadia, porque já é,
por si só, grandioso



Não existe nada mais
profundamente humano
do que criar pelo
simples e sublime amor